

“E foi assim que o mundo deu certo”

Alice Soldan Rezende¹

Ilha do Desterro, 13 de maio de 2024.

Foi a partir de uma pequena cidade no interior do estado brasileiro de Santa Catarina, chamada Jaraguá do Sul, que o mundo deu certo.

No 20 de novembro do ano passado, no centro de Jaraguá do Sul, um grupo de batuqueiras e batuqueiros andava pela esquina em frente ao Banco do Brasil, tocando com seus instrumentos estrangeiros, entoando loas de lugares distantes, da África e do Recife.

Os nobres passantes, que não compreendiam a proximidade entre os três lugares (África, Recife e Jaraguá do Sul), estremeceram ao ouvir o som dos tambores. Eles temiam o que ouviam, fechavam as orelhas.

E foi então que o inexplicável aconteceu. Daí se espalhou a centelha, pois o estremecimento passou aos seus corações, que ficaram batucando no ritmo dos tambores.

Seus órgãos vitais, perceberam os cidadãos, eram uma coisa só com os atabaques, gonguês e mineiros, seus pensamentos se misturavam àquelas canções de territórios estrangeiros, às vozes que ecoavam Exú e Iemanjá. Era algo mágico, visceral... seus braços se arrepiaram, sua respiração se acelerou como numa boa noite de amor.

E como muitos deles estavam precisando daquilo, infelizes em suas aventuras de desamor, se deixaram levar pelo som do batuque, que agora não lhes era mais estranho... apenas, estranhamente familiar.



*Coração de um batuqueiro, batuqueira,
batuqueire... batucando... batuque...
batuque... batuque...*

Imagem: Marcos (2024)

¹ Email: alice.soldan@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3504-6781>

E foi assim que o batuque se espalhou, arrastando pessoas as mais diferentes. Shorts brancos, azuis, coloridos... saias rodadas, ternos, vestidos, e calças jeans. Todas as cores se encontravam naquela multidão. Eram homens, mulheres, crianças e adultos, senhoras e senhores, binários ou não. O coração de todes era um só.

Acontece que Jaraguá é conhecida por seus eventos internacionais de música, onde cidadãos aproveitam, uma vez por ano, as delícias do jazz e do blues americano. Um desses eventos ocorreu no 20 de novembro de 2023, e nele se apresentou o pequeno grupo de batuqueiros. Poucos dias depois, uma banda de blues partiu da cidade, arrastando a melodia do grupo para Nova Orleães. A partir de então, o arrastão se arrastou para outros recantos, outras medidas do mundo.

Já se ouve o batuque na Luisiana e na Nova-Guiné, em Paris e Calcutá. Em Serra Leoa, na Namíbia e, também, em Vera Cruz e Madagascar. Na Escócia e na Noruega, dizem que sua dança se aliou ao Ceilidh celta. Na Venezuela o batuque se juntou ao

cuatro, que é uma espécie de violão. Atravessando o leste europeu, ele se uniu ao russo e, então, suas loas foram escritas em cirílico, se misturando a costumes de seus falantes.

Muitos sentiram a resistência, o mesmo temor dos cidadãos de Jaraguá do Sul, um terror cujos fundamentos eles próprios desconheciam. Nada disso importava, pois do momento em que o apito ressoava, as vozes retumbavam e os tambores empenhavam a tremedeira, seus corações tremiam também, eles se estremeciam todos, todas e todes e seus corações pulsavam em um só ritmo, eram um ser só, se arrastando pelos diferentes confins do planeta.



Em 3 de dezembro de 2023, na Costeira do Pirajubaé, Ilha do Desterro, capital do estado de Santa Catarina (um dos polos difusores), uma senhora saiu de sua casa para benzer os batuqueiros.

Imagem: Alves (2023)

Há poucos meses, na Universidade Federal de Santa Catarina, ocorria um evento sobre um escritor irlandês chamado James Joyce. Convencidos de que o batuque havia se espalhado a partir de Dublin, estudantes, professoras e professores argumentavam, citando o escritor: “Se eu puder chegar ao coração de Dublin, posso chegar ao coração de todas as cidades do mundo”.

Na sala ao lado, pesquisadores do programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução investigavam manifestações concretas do conceito de “pura língua”, do filósofo alemão Walter Benjamin. Em uma palestra que foi bruscamente interrompida, eles e elas traçavam uma previsão. Evoluísse para outra fase o arrastão, e o simples ato de pensar no conceito de “batuque” bastaria para invadir um coração com o impulso indomável de reproduzir cada letra, som ou sinal que lhe estivesse associado, imitando o batuque dos tambores.

“O mais interessante”, eles e elas relatavam, “é que traduções deste conceito bantu em outras línguas fazem crescer exponencialmente o número de batuqueiros, batuqueiras, batuqueires... batucando... batuque... batuque... batuque...”. E assim sua explicação teve de ser interrompida, por razões de força maior, enquanto da janela se ouviam os tambores chegando.

Desde então, muitos cientistas e acadêmicos/as conseguiram dedicar suas mentes ao arrastão, enquanto seus corpos ainda não o faziam. A diretora do Centro de Pesquisa em Epidemiologia Linguística do Rio de Janeiro fez referência ao filme de terror canadense *Pontypool* (2008) para descrever o fenômeno, que seria, segundo ela, um apocalipse às avessas: “e foi assim que o mundo deu certo”, explicou.

Próximo ou distante, diferente ou semelhante, o tudo veio a ser uma coisa só. Dizem que, no Havaí e no Haiti, o movimento havia começado muito antes de Jaraguá, mas que esperavam o toque de seus irmãos e irmãs para arrastar a todos que estavam naquelas ilhas. Nos templos da China e do Tibet, há indícios de que os monges haviam previsto do alto de seus sonhos milenares a chegada do arrastão. No Japão, ele fez com que o abraço se tornasse corriqueiro. Nem a Antártica escapou... seus cientistas, que já desenvolviam sotaque próprio ao frio do gelo, largaram os microscópios e passaram a cantar as loas de Jaraguá.

Concluo esta crônica com a seguinte questão: quanto tempo para que os outros animais, não humanos, também façam parte do arrastão? Dizem, mas apenas ouvi dizer... que na semana passada os golfinhos e elefantes começaram a dançar, suas nadadeiras e patas não ecoam mais um andar desconhecido, seus passos pisam no toque do batuque universal. Alguém sabe o que os polvos estão fazendo em suas tocas, afinal?



Imagem: Brum (2023)

REFERÊNCIAS

ALVES, Viviane. *Uma senhora sai de sua casa para benzer os batuqueiros*. (O grupo se autointitulava, com certa insistência, “Maracatu Arrasta Ilha”.) 3 dezembro 2023. Disponível em: <https://www.arrastailha.com.br/>. Acesso: 1 abril 2024.

BRUM, Helena. *Desenho reproduzindo a foto e o conceito do batuque*. 31 dezembro 2023.

MARCOS, Rogerio. Ilustração de coração humano. *Designi*. Disponível em: <https://www.designi.com.br/0c9416cc8bc8bc8d>. Acesso: 8 abril 2024.

